

O sentido da história nos *Discours sur l'histoire universelle* de Bossuet

Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira¹
Universidade Federal do Maranhão/ UFMA
iza.barboza@outlook.com

Recebido em: 25/11/2017
Aprovado em: 15/12/2017

Resumo :

Pretendemos compreender qual o sentido da história nos *Discours sur l'histoire Universelle* (1681) de Bossuet. Como metodologia, utilizaremos o contextualismo linguístico defendido pelo historiador inglês Quentin Skinner, que consiste em relacionar o texto do autor estudado ao seu contexto intelectual a fim de perceber quais os propósitos de seu texto, a quem ele respondia. Demonstraremos que, por meio de seus *Discours*, Bossuet defendia a religião católica e a Sagrada Escritura dos ataques desferidos por Richard Simon e Spinoza à veracidade da Sagrada Escritura e à interpretação desta pelos Padres da Igreja, assim como a monarquia por direito divino da crítica de Spinoza. Diante dos ataques à tradição – a religião católica e a monarquia em sua vertente divina –, Bossuet recorre à história a fim de mostrar a continuidade da religião e dos impérios. Em sua visão cristã da história, ele fundamenta os seus argumentos na Bíblia e em Santo Agostinho.

Palavras-chave: Bossuet; história; Discours; Richard Simon; Spinoza.

Résumé:

Nous avons l'intention de comprendre le sens de l'histoire dans le *Discours sur l'histoire universelle* de Bossuet (1681). En tant que méthodologie, nous utiliserons le contextualisme linguistique défendu par l'historien anglais Quentin Skinner, qui consiste à relier le texte de l'auteur à son contexte intellectuel afin de percevoir les finalités de son texte, auxquelles il a répondu. Nous démontrerons que grâce à ses Discours, Bossuet a défendu la religion catholique et la Sainte Écriture des attaques de Richard Simon et Spinoza sur la véracité de la Sainte Écriture et son interprétation par les Pères de l'Église, ainsi que la monarchie par droit divin de la critique de Spinoza. Face aux attaques sur la tradition - la religion catholique et la monarchie sur son côté divin - Bossuet utilise l'histoire pour montrer la continuité de la religion et des empires. Dans sa vision chrétienne de l'histoire, il fonde ses arguments sur la Bible et sur saint Augustin.

Keywords : Bossuet; histoire; Discours; Richard Simon; Spinoza.

Qual a posição tomada por Bossuet diante dos ataques desferidos por Richard Simon e Spinoza à veracidade da Sagrada Escritura e à interpretação desta pelos Padres da Igreja, assim como da crítica de Spinoza à monarquia por direito divino? Qual o sentido da história para Bossuet em seus *Discours sur l'histoire Universelle*?

Utilizaremos como metodologia de interpretação textual o contextualismo linguístico defendido pelo historiador inglês Quentin Skinner, que consiste em relacionar o texto do autor estudado ao seu contexto intelectual a fim de perceber quais os propósitos de seu texto, a quem ele respondia. (Cf. SKINNER, 1999, p. 13).

Para a compreensão dos confrontos intelectuais daquele que encarnou o espírito da polêmica teológico-religiosa e política na segunda metade do século XVII, é preciso recordar, com René de La Broise, que ele “é talvez o maior de nossos autores clássicos”. (LA BROISE, 1971, p. VII). Neste sentido, é de fundamental importância sabermos quem leu e o que ele leu, e como leu os autores que sobre ele exerceram influência; assim como os ambientes frequentados por ele durante o preceptorado, época em que concebeu os seus *Discours sur l'histoire universelle*.

O preceptorado, autores, obras e ambientes que influenciaram Bossuet

Jacques-Bénigne Bossuet nasceu em Dijon, na França, em 1627. Pertenceu a uma família católica de importantes magistrados. O seu pai era escrivão e advogado do Parlamento, em 1626 entrou para o Conselho de Estado na cidade de Metz. Morando com o tio em Dijon, sua cidade natal, Bossuet foi tonsurado em 1635, aos oito anos de idade, sendo destinado à carreira eclesiástica. Neste mesmo ano, passou a receber uma profunda cultura humanista, em um colégio dos jesuítas desta cidade. Aos treze anos tornou-se cônego de Metz. Em 1642, com 15 anos, Bossuet ingressou no *Collège de Navarra* em Paris. Nesse colégio, todos os seus estudos eclesiásticos foram concluídos. Dois anos após ter chegado ao *Collège de Navarra*, Bossuet concluiu o estudo de filosofia. Em seguida, em 1644, aos 17 anos, iniciou o curso de teologia. Em 1652, aos 25 anos, tornou-se doutor e foi ordenado padre. No mesmo ano foi nomeado pelo rei ao cargo de arcebispo de Metz. Em 1659 deixou o cargo e se mudou para Paris. Na capital, logo ficou famoso como orador sacro.

A eloquência do teólogo-político francês foi muito apreciada na corte francesa de Luís XIV. Os seus sermões foram aí muito aplaudidos pelos cortesãos. Bossuet era

convidado a pronunciar as orações fúnebres das pessoas mais ilustres da corte. Luís XIV, que tinha uma alta capacidade de julgamento, logo lhe deu sinais de sua estima e reconhecimento de seu prestígio. Em 1669, três dias após ter pronunciado a *Oraison funèbre de Henriette-Marie, reine de la Grande-Bretagne*, Bossuet foi nomeado por Luís XIV ao bispado de Condom. Antes de tomar posse, em 1670, o Rei Sol confiou a Bossuet um lugar muito importante. No juízo de Luís XIV, Bossuet era a pessoa mais adequada para instruir o seu filho, o suposto herdeiro da coroa. Desta forma, Bossuet foi escolhido pelo rei para ser o preceptor do Delfim.² Nos últimos dias deste ano Bossuet começou a exercer o preceptorado. Percebendo a importância de tal função, renunciou ao bispado de Condom antes mesmo de assumi-lo.

A educação do Delfim durou dez anos, de 1670 a 1681. Para cumprir esta função de educador, e fazê-la da melhor maneira possível, Bossuet retomou os estudos que abandonara havia muito tempo. (Cf. DUSSAULT in BOSSUET, 1874, p. 7). Em seu programa de preceptorado Bossuet valorizou a história e a política. Deu maior destaque à educação moral e religiosa. Por ser padre, procurava “inspirar em seu aluno uma piedade eclesiástica, mas se dedicou a lhe mostrar na religião a regra suprema da conduta de um rei”. Bossuet procurava ensinar tudo pessoalmente, com o auxílio de seu suplente Daniel Huet, para, assim, garantir a unidade desta educação. Escreveu diversos livros visando uma melhor formação de seu aluno. Para lhe fornecer uma visão mais geral a respeito da história dos povos, escreveu os *Discours sur l’histoire universelle*; com o propósito de inseri-lo “nos princípios do governo dos povos”, escreveu os seis primeiros livros da *Politique tirée des propres paroles de l’Ecriture Sainte*. (Cf. CALVET, 1952, p. 292-293). Os *Discours* e a *Politique* são suas maiores obras. Neste período, Bossuet escreveu também várias pequenas obras de controvérsia, em que defendia a religião católica dos ataques dos protestantes. (Cf. LA BROISE, 1971, p. XXXII).

O aluno de Bossuet era desatento e indolente. (Cf. Sainte-Beuve, p. 101). De acordo com Ernest Lavissee, Bossuet “dedicou dez anos de sua vida à educação de um dos mais medíocres alunos”. (LAVISSEE, s. d., p. 108). O Delfim não foi um bom aluno. Não soube aproveitar tudo o que o seu mestre se esforçou para lhe ensinar. Nascido em 1661, portanto com nove anos, conforme ressalta Calvet, “ele era lento de espírito, indiferente, distraído e às vezes de um humor bizarro. Bossuet não chega a despertá-lo nem fazer com que suas idéias o interesse”. No entanto, tornou-se impossível saber ao

certo se Bossuet perdeu totalmente o tempo que dedicou na formação daquele que supostamente seria o futuro rei, pois, “seu aluno morreu em 1711 sem ter reinado, não se pode dizer que essa educação fracassou radicalmente”. (CALVET, 1952, p. 292).³

Porém, uma coisa é certa, se o aluno não soube aproveitar todo o esforço que seu mestre dedicou à sua educação, este, pelo contrário, retirou um enorme proveito dela. Aos quarenta e três anos, Bossuet retomou os estudos profanos que abandonara havia muito tempo; assim, ele “adquiriu um conhecimento de duas antiguidades. Teólogo e humanista, ele se tornou (...) um verdadeiro clássico, tendo feito na consciência cristã a síntese harmoniosa das duas sabedorias, a pagã e a cristã”. No período do preceptorado, Bossuet residiu na corte. No entanto, ele não foi contaminado pelo espírito cortesão. “Em Versalhes ele se conservava à parte na ‘ala dos filósofos’”. (CALVET, 1952, p. 93).

Neste período, Bossuet adquiriu uma reputação tão brilhante que a *Académie Française* desejou tê-lo como um de seus integrantes, recebendo-o em 1671. O seu nome está incluído entre os membros de que mais se orgulhava esta academia.

Devido ao fato de Bossuet ter sido destinado desde cedo aos estudos eclesiásticos, tratou de fazer todas as leituras que, em seu entendimento, seriam necessárias e úteis a este ministério tão importante. Assim sendo, dedicou-se a fazer “desde a leitura da Bíblia até a dos autores profanos, e desde os Padres da Igreja até os teólogos da escola e os escritores místicos”. (DUSSAULT in BOSSUET, 1874, p. 1). Como Bossuet nasceu no seio “de uma boa e antiga família burguesa de magistrados e parlamentares”, ele foi criado junto aos livros e bibliotecas domésticas. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 29).

O pai de Bossuet, mesmo morando em Metz, devido a seu trabalho, conservava um gabinete em Dijon, onde vinha sempre que podia para visitar a sua família. Certo dia, neste gabinete, o jovem Bossuet encontrou e abriu uma Bíblia latina pela primeira vez. Foi profunda a impressão que ele recebeu. Neste instante, imergiu nela e nunca mais saiu. Nesta época, o jovem Bossuet estava em seu ano de retórica; o estudo das belas letras ocupava o primeiro lugar em seu pensamento. Porém, no momento em que ele viu uma Bíblia latina, e a leu pela primeira vez, o estudo das belas letras imediatamente perdeu seu posto. A impressão de luz e de felicidade que ele sentiu naquele momento sempre o acompanhou até o último dia de sua vida. Foi como se ele tivesse se revelado a si mesmo. Imediatamente “ele se torna o filho e logo o homem da

Escritura e da palavra santa”. Era na Bíblia que ele se apoiava em todas as suas atividades de eclesiástico e de doutor: teses, pregações, conferências e controvérsias. Na Bíblia, Bossuet “punha todo o sentido e toda a doutrina, ele aí encontrava toda sua essência”. (SAINTE-BEUVE, 1928, p. 66, 105). A paixão que sentia pelos livros sagrados fazia com que esse prelado se dedicasse a celebrar a palavra de Deus com a eloquência dos profetas e a pregar com o mesmo zelo dos apóstolos. (Cf. DUSSAULT in BOSSUET, 1874, p. 1).

A respeito do que a Bíblia representava para Bossuet, diz Paul Hasard,

Bossuet não abandona sua Bíblia: desde sua primeira juventude a amou ternamente, ternamente a amará até seus últimos dias. Não pode passar-se sem ela; é seu alimento, é seu pão. E assim como o mais humilde dos curas rurais relê ainda um livro de orações que se sabe de memória, do mesmo modo Bossuet conhece a Bíblia de memória e relê. (HASARD, 1988, p. 169).

A Sagrada Escritura teve um papel de destaque na formação de Bossuet. Segundo La Broise, “o grande escritor não parou de estudar a palavra de Deus, de pregá-la, ensiná-la, defendê-la, de nela inspirar-se em todas as suas ações e em todos os seus trabalhos”. A parte principal da formação de Bossuet vem da Bíblia. Este foi o livro que exerceu maior influência em seu estilo. De fato, o estilo e a linguagem de Bossuet são essencialmente bíblicos. Em sua juventude, ele realmente havia se dedicado com afinco aos estudos bíblicos. Lia e relia a Escritura. (Cf. LA BROISE, 1971, p. VIII-IX, XXV). Todo aquele que percorrer a vida e as obras de Bossuet descobrirá que nele a Sagrada Escritura é “a essência de tudo”. Bossuet começou a pregá-la desde o tempo de sua juventude. Durante o preceptorado do Delfim, utiliza-a como a base essencial de seu ensino. As duas principais obras redigidas durante a educação do então provável futuro rei da França, *l’Histoire universelle* e a *Politique*, são tiradas da Escritura. (CF. LA BROISE, 1971, p. IX-X).

Bossuet foi um aluno admirável do *Collège de Navarra*. Assim como o padre Nicolas Cornet, mestre e amigo “ele ‘se alimentava e se saciava da melhor essência do cristianismo’”. Para uma melhor compreensão da Escritura ele estudava os Padres da Igreja. Pois, na concepção de Bossuet, eles eram melhores que os novos intérpretes. Para Bossuet, somente neles ele encontrava a pura substância da religião e a essência do cristianismo. Bossuet foi imensamente alimentado pela religião vivida e expressada pelos Padres da Igreja. (Cf. LAVISSE, s. d., p. 108). Encontra-se com frequência, em

suas notas e sermões, citações de vários deles, entre os quais Clemente de Alexandria e o papa São Gregório. Contudo, quatro padres, três latinos e um grego, foram os seus preferidos. Tertuliano, São Cipriano, São João Crisóstomo e principalmente Santo Agostinho. (Cf. LA BROISE, 1971, p. XXVIII-XXIX). De acordo com Paul Hasard, “Entre todos os livros, os que prefere consultar são os dos Padres, servidores da Igreja; e entre todos os Padres, Santo Agostinho”. (HASARD, 1988, p. 170).

Durante toda a sua vida Bossuet procurou se instruir, e esta preocupação foi maior no período do preceptorado. Aos quarenta e três anos, ele retomou e ampliou seus estudos. (Cf. LAVISSE, s. d., p. 108). Bossuet estudou profundamente a literatura latina e grega, para poder exercer a sua função de preceptor do Delfim com maior capacidade. (Cf. LA BROISE, 1971, p. XXXI-XXXII). Nos dez anos do preceptorado, Bossuet retomou os seus estudos humanísticos com o propósito de oferecer um melhor ensinamento a seu aluno. Esse foi o período em que Bossuet mais se ocupou das belas letras. Ele lia e relia Homero e Virgílio com muito entusiasmo. No entanto, mesmo nos anos do preceptorado, em que Bossuet foi reconduzido de modo favorável à literatura profana, em toda a sua vida ele se alimentou mais dos autores sagrados que dos profanos. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 30, 76-77, 106). Apesar do entusiasmo de Bossuet pelos autores antigos, ele não deixou de estudar e de se aprofundar nos estudos bíblicos. Pelo contrário, foi no período do preceptorado que os estudos sobre os seus livros preferidos foram mais fecundos. A Escritura foi sempre sua principal e perpétua leitura.

Na época do preceptorado, o *Petit Concile* marcou indelevelmente a vida de Bossuet. Neste círculo, criado em 1673, eclesiásticos e eruditos laicos reuniam-se para discutir questões da Sagrada Escritura, como também de filosofia. O *Petit Concile* era composto por homens versados em antiguidade eclesiástica, como Mabillon e Fénelon, além de teólogos, orientalistas e eruditos. Péliisson e La Bruyère estavam entre os participantes deste seleto círculo de intelectuais de corte e todos eles, à sua maneira, escreveram tributos entusiasmados à realeza sagrada. Os principais personagens do *Petit Concile* foram Bossuet, indicado como presidente, e o padre Claude Fleury, como secretário. Bossuet e muitos de seus companheiros do *Petit Concile* dedicavam o seu tempo de lazer para comentar a Bíblia. (Cf. LA BROISE, 1971, p. XXXVI). Numa época em que os franceses não a liam muito.

Bossuet e seus amigos do *Petit Concile* incumbiam-se da tarefa de estudar “a história, a cronologia (...), as antiguidades, e todas as ciências auxiliares de hermenêutica sagrada, para dar ao texto um comentário (...) claro e conforme as tradições do passado”, segundo La Broise. (LA BROISE, 1971, p. XXXII-XXXVI). Por desejar estudar os textos bíblicos com seriedade, Bossuet sentia ser necessário conhecer as línguas antigas. Por isso, estudou a língua grega e a hebraica.

Bossuet dominava o grego muito bem. Tanto é que o seu codinome no *Petit Concile* era de “Pai Grego”; já quanto ao hebreu era bastante criticado. (Cf. LA BROISE, 1971, p. XXXVII). O fato é que quando Bossuet fez teologia o hebreu não era ensinado ainda nas universidades da França. Então, ele começou a estudar esta língua após os quarenta anos de idade. (Cf. La Broise, 1971, p. VII-XVIII, XXXVIII). Como o seu venerado Santo Agostinho, Bossuet não estudava as línguas clássicas buscando apenas a sua compreensão, mas para “sustentar invencivelmente a verdade”. (LA BROISE, 1971, p. XL). Porém, o latim era a sua língua preferida. Ele sabia tão bem o latim que esta parecia ser a sua língua natural. Ele sabia todas as espécies de latim, o dos autores profanos como o dos Padres da Igreja, e fazia um uso bem familiar desta língua. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 111-112).

Contudo, a História atraía Bossuet bem mais que o estudo das línguas. Reconhecendo a sua importância, grande parte do tempo e dos trabalhos de Bossuet era dedicada à História. Segundo La Broise, os *Discours sur l’histoire universelle* nos revelam uma ciência vasta, profunda. As notas manuscritas nos mostram que Bossuet leu atentamente os autores modernos e os antigos. Além da História, Bossuet sentiu a necessidade de estudar também a cronologia, para isso leu a obra de Ussérius sobre a cronologia; “ele consultava os trabalhos de Scaliger e de Petau, e mesmo o *in-folio* muito menos conhecido do ‘*docte générard*’”. A fim de compreender melhor a Escritura, Bossuet considerava a necessidade de “pesquisar as histórias e desenvolver as antiguidades”. A explicação, sobretudo, de muitos profetas como também de muitas passagens, segundo ele, “depende da história, e tanto da leitura dos autores profanos quanto dos *Santos Livros*”. Assim sendo, Bossuet incentivava as pesquisas de seus contemporâneos e aplaudia os seus sucessos. Bossuet pressentia que o estudo aprofundado do passado daria um novo impulso à ciência da Escritura. Por seu grande conhecimento sobre a História, Bossuet reinava entre os eruditos que frequentavam o *Petit Concile*. (Cf. LA BROISE, 1971, p. LX-LXI).

Os confrontos intelectuais de Bossuet: Benedictus Spinoza e Richard Simon

No entendimento de Bossuet, na Bíblia os homens encontram a sua história e quais são os seus deveres de cristãos a cumprir. Nesse Livro Santo estão os princípios fundadores da religião católica. A Bíblia deve ser interpretada à luz da tradição dos Santos Padres; já que esta tradição interpretativa impõe obstáculos para que tais princípios sejam questionados pelos homens. Conforme nos chama a atenção Paul Hasard, a respeito da importância da Bíblia para Bossuet, “Oh Bíblia (...) que, em uma forma tão perfeitamente bela (...), apresenta aos homens a historia de sua raça e o código de seus deveres. Contém os princípios que fundam o catolicismo; interpretada pela tradição, é a autoridade que impede pô-los em questão sem cessar”. (HASARD, 1988, p. 169).

Para Bossuet, a verdade de Deus, escrita na Sagrada Escritura, é a única verdade, imutável, a qual tem que se conformar o indivíduo. Segundo Hasard, Bossuet “apostou pelo eterno, pelo universal: *quod ubique, quod semper*”. (Hasard, 1988, p. 168). O autor considera que, para Bossuet,

‘A verdade vinda de Deus tem desde logo sua perfeição’: nesta máxima se encerra sua inflexível crença; existe uma verdade, que Deus tem revelado aos homens, que está inscrita no Evangelho, que está garantida pelos milagres e que, sendo perfeita, posto que é divina, é imutável; se variasse, é que não seria a verdade. O papel da Igreja é ser sua guardiã (...). A esta verdade única e imutável tem que conformar-se o indivíduo: pois se a cada um se lhe ocorre ter sua verdade particular, se chegará ao caos, ao ilogismo, pois é evidente que sobre uma mesma questão não pode haver milhões de verdades, ou mil, ou cem, ou dez, ou duas verdades, se não uma só. (HASARD, 1988, p. 168-169).

Em uma alma como esta, tão pronta, que não experimenta e não aceita nada sem que antes tenha sido primeiramente justificado perante o seu próprio tribunal, consciente de suas ideias e dos seus desejos, a dúvida já não pode mais entrar e se instalar. Conta Le Dieu, o secretário de Bossuet, que, certo dia, em uma conversa que teve com o seu sobrinho, o abade, Bossuet contou a ele a pergunta que um moribundo lhe fez no leito de morte e qual a resposta que lhe deu: “Um incrédulo no leito de morte me mandou chamar. ‘Senhor, me diga, (...) estou próximo a morrer, fale-me com franqueza, tenho

confiança em vós, que pensa da religião? – Que é certa e que nunca tive dúvida alguma disso...”. (LE DIEU in HASARD, 1988, p. 171).

Desde o século XI, a dúvida e o ceticismo diante de tantas falsificações de documentos e relíquias já atormentavam alguns pensadores medievais. Porém, a crítica do documento foi fundada apenas em 1681, com a publicação de *De re diplomática*, de Jean Mabillon, monge beneditino e historiador francês. Segundo Marc Bloch, somente no século XVII, sobretudo na segunda metade, foi elaborada a doutrina de pesquisa. (Bloch, 2001, p. 90). Entre os fundadores da crítica à historiografia no século XVII, na primeira fila estão Mabillon, Richard Simon, “cujos trabalhos predominam nos primórdios da exegese bíblica”, e Spinoza, autor do *Tractatus theologico-politicus*, “pura obra-prima de crítica filológica e histórica”. (BLOCH, 2001, p. 91).

Enquanto Spinoza e Richard Simon defendiam o método crítico em suas obras, Bossuet o desdenhava. Conforme observa Marc Bloch,

Bossuet a mantém prudentemente à distância: quando fala de ‘nossos autores críticos’, adivinhamos seu dar de ombros. Mas Richard Simon a inscreve no título de quase todas as suas obras. Os mais alertas não se deixam enganar [aliás]: o que esse nome anuncia é justamente a descoberta de um método [, de aplicação quase universal]. A crítica, ‘essa espécie de archote que nos ilumina e conduz pelas estradas obscuras da Antiguidade, fazendo-nos distinguir o verdadeiro do falso’: assim se exprime Elias du Pin. E Bayle, ainda mais nitidamente: ‘O sr. Simon espalhou nessa novela Réponse diversas regras de crítica que podem servir não apenas para entender as Escrituras, mas também para ler com desfrute outras obras.’ (BLOCH, 2001, p. 91).

O judeu holandês Benedictus Spinoza (1632-1677) começou a compor o seu *Tractatus theologico-politicus* em 1655, mas a obra só foi publicada anonimamente em 1670. Esta obra causou um enorme impacto. A Igreja a replicou, considerando-a nociva, uma injúria à divindade e à religião. A intenção de Spinoza, nesse tratado, é refutar a interpretação da Escritura baseada na revelação. Ele deseja superar tal interpretação e propor, ao contrário, uma interpretação histórico-crítica da mesma. Spinoza critica os teólogos que têm interpretado a Bíblia a partir de suas ideias pré-concebidas. Ele deseja uma ciência bíblica, quer aplicar uma crítica histórica na interpretação da Bíblia. Para ele, esta deve ser interpretada de forma racional.

Antoine Arnauld enviou a Bossuet um exemplar da obra, a qual ele manteve em sua biblioteca. Para Bossuet, este livro não é somente ímpio como profundamente

irritante. Spinoza se julga superior porque domina o hebreu e afirma que somente quem conhece esta língua pode falar da Bíblia. (Cf. HASARD, 1988, p. 171).

Como Bossuet não sabia o hebreu, contentava-se com a vulgata. Porém, depois das provocações de Spinoza, ele começou a se dar conta de que isso era extremamente grave. Tinha consciência de que, para cumprir o seu dever e responder a Spinoza com plena consciência de causa, devia voltar a estudar. Tarefa árdua na qual ele se empenhou. No *Petit Concile*, em que Bossuet é presidente e o abade Freury o secretário, reúnem-se regularmente alguns sábios seculares como também sacerdotes. Todos possuem um exemplar da Bíblia. Alguns lêem o texto hebreu e outros o texto grego, os padres da Igreja também são consultados, particularmente São Gerônimo. Após comentários e discussões, Bossuet decide e o abade Freury registra as informações. Esses homens se reúnem neste concílio para confrontar e comentar o seu saber, pois pressentem que chegou a época das grandes provas. (Cf. HASARD, 1988, p. 171-172).

No capítulo dezessete do *Tractatus theologico-politicus* Spinoza tece uma ferrenha crítica à monarquia absolutista por direito divino e defende uma política democrática. Segundo André Menezes Rocha,

Com sua política, Espinosa combateu as monarquias absolutistas em pleno Antigo Regime. Não apenas fez a crítica, mas ainda perscrutou fundamentos para uma política democrática num tempo em que os teólogos, dominando a produção e divulgação do saber, faziam crer que as monarquias absolutistas eram resultado de uma escolha da vontade divina e que contestá-las, exigindo uma monarquia constitucional ou uma república aristocrática, para não ir mais além, consistia em pecado contra a vontade divina e não em oposição a uma forma violenta de controle político. (ROCHA, 2008, p. 14).

Não é difícil imaginar o quanto tais ideias perturbaram Bossuet, considerado o maior defensor do absolutismo por direito divino na França de Luís XIV.

Em 1678, Richard Simon (1638-1712), padre Francês do Oratório, tentou publicar a sua *Histoire Critique du Vieux Testament*. Nesta obra, Richard Simon trata da crítica bíblica. Ele apresenta os textos da Bíblia e as alterações sofridas com o tempo. Os livros que foram realmente escritos por Moisés e os que foram atribuídos a ele. Por meio desta obra, Richard Simon é considerado o fundador da exegese crítica da Bíblia. De acordo com Pierre Chaunu, em 1678, em sua *Histoire critique du Vieux Testament*, Richard Simon “abriu o caminho a uma nova hermenêutica bíblica”. (CHAUNU, 1976, p. 63).

O fato é que, em 1678, o abade Eusèbe Renaudot, integrante do *Petit Concile*, submeteu ao prelado o índice de matérias do livro de Richard Simon, *Histoire Critique du Vieux Testament*, que estava para ser publicado, já que passara por todos os trâmites legais: “Esse livro tinha obtido o privilégio, a aprovação dos censores, a permissão do superior geral da Ordem do Oratório”. (Hasard, 1988, p. 172). Richard Simon havia até dedicado a obra a Luís XIV. É claro que era necessário que o rei aceitasse tal dedicatória. Mas isso não seria difícil, já que o padre La Chaise, o seu confessor, prometera ao autor da obra que usaria de sua influência para tal. No entanto, ao tomar conhecimento do teor da obra, Bossuet sobressaltou-se. Em sua concepção, a pretensa história crítica de Richard Simon estava repleta de impiedades e de libertinagem. Por isso era preciso detê-la. Não obstante todas as tarefas que devia cumprir naquele dia, Bossuet apressou-se para falar com o chanceler Michel Le Tellier. Utilizando todo o seu poder de persuasão, Bossuet conseguiu que a publicação do livro fosse suspensa. (Cf. HASARD, 1988, p. 172). A obra só foi publicada em 1680.

Aos olhos de muitos católicos e protestantes do século XVII, Richard Simon levantava dúvidas quanto à integridade dos textos bíblicos. Bossuet não entendia por que Richard Simon, um sacerdote do Oratório, tratava a Bíblia daquela maneira. Bossuet sentia que Richard Simon era uma ameaça. Ao mesmo tempo, o considerava digno de pena. Bossuet considerava um criminoso aquele sacerdote que desejava substituir a teologia com a gramática. (Cf. HASARD, 1988, p. 172).

Aquele que lê atentamente a segunda parte dos *Discours* sabendo o quanto o espírito de Bossuet era atormentado por Spinoza e Richard Simon terá uma melhor compreensão não somente da linguagem apaixonada do maior defensor da ortodoxia católica, mas sim da real característica de toda a obra. Ele refuta mais que expõe; está a todo instante respondendo a argumentos que, por sua natureza, são diferentes de seu pensamento. Para realmente contestar os seus adversários, Bossuet sente que é necessário empenhar-se na difícil tarefa de adaptar a um princípio *a priori* uma justificação histórica imposta por eles. Bossuet afirma claramente que não se deve tratar de maneira puramente humana um livro divino como as Sagradas Escrituras. Para responder aos novos exegetas Bossuet deve levar em conta as perspectivas humanas. Isto é muito difícil para ele. Precisa explicar a maneira como Moisés recorria à história dos séculos anteriores; refutar a hipótese de que o Pentateuco é da autoria de Esdras; abordar o texto bíblico enquanto texto, justificar as obscuridades e alterações contidas

neles. Essas vãs disputas atormentam Bossuet. Impaciente para sair delas, ele afirma que é necessário deixar os detalhes e ir ao essencial:

Em todas as versões da Bíblia se encontram as mesmas leis, os mesmos milagres, as mesmas predições, a mesma continuidade histórica, o mesmo corpo de doutrina, enfim, a mesma substância: que mais se quer?; que importam algumas divergências de detalhe junto a este conjunto imutável? (HASARD, 1988, p. 172-173).

Com a clareza e a franqueza que são próprios de seu estilo, em um movimento impetuoso Bossuet trata de eliminar todas as objeções. (Cf. HASARD, 1988, p. 173). Mesmo com as múltiplas tarefas em que se ocupava, ele tinha que conseguir tempo para o que considerava ser, naquele momento, o seu dever mais urgente: defender a tradição e os Santos Padres dos ataques de Richard Simon. Assim, enquanto todos dormiam, sob a fraca luz de sua vela, ele consultava os livros e escrevia. De acordo com Hasard,

Em sua vida carregada não fica já lugar: a educação do Delfim, o cuidado de suas dioceses, a direção da Igreja da França, cujo chefe moral tem chegado a ser; as heresias que nascem por toda parte, a pregação, a presença na corte. Ah, que trabalho! Trabalho que não só ocupa seus dias, se não também suas noites: quando todo o bispado dorme, se desperta, ascende sua lâmpada, consulta seus papeis, escreve. Vamos, se trata de comprimir mais ainda essas múltiplas tarefas e defender a tradição e os Santos Padres contra Richard Simon; pois não há dever mais urgente. (HASARD, 1988, p. 173).

Assim, em meio a esta turbulência, os *Discours sur l'histoire universelle* são concebidos por Bossuet.

Os Discours sur l'histoire universelle

Publicado em 1681, os *Discours sur l'histoire universelle*, “é obra que dá a medida da genialidade de Bossuet, não só como orador e polemista, mas como historiador e escritor clássico”. (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, p. 1495).

Como vimos anteriormente, os *Discours* foram concebidos por Bossuet durante o preceptorado do Delfim para a sua educação. Porém, a obra foi publicada somente após o casamento do Delfim e término do preceptorado, em 1681. No pensamento de Bossuet, este famoso discurso “destinava-se muito mais à posteridade que ao seu indolente aluno”, segundo Sainte-Beuve. Essa obra foi fruto de meditações e reflexões

que Bossuet vinha acumulando desde o período em que residiu em Metz, região em que os judeus eram numerosos, onde os mais sábios dos rabinos conferiam com ele. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 121). Bossuet dividiu os *Discours* em três partes. No prefácio da obra ele já anuncia qual é o seu propósito geral.

Logo nas primeiras linhas do prefácio dos *Discours*, Bossuet mostra ao Delfim qual é a utilidade da história:

Quando a história for inútil aos homens. Será preciso a fazer ler aos príncipes. Não há melhor meio de lhes desvelar o que podem as paixões e os interesses, os tempos e as conjunturas, os bons e os maus conselhos. As histórias só são compostas de ações que lhes ocupam, e tudo parece aí ser feito para seu uso. Se a experiência lhes é necessária para adquirir esta prudência que faz bem reinar, não há nada de mais útil a seu instrutor que juntar aos exemplos de séculos passados as experiências que eles fazem todos os dias. Ao lugar que ordinariamente eles só aprendem à custa de seus súditos e de sua própria glória a julgar de assuntos perigosos que lhe advém; para os socorros da história, eles formam seus julgamentos, sem nada arriscar, sobre os acontecimentos passados. Quando eles vêm até aos vícios os mais ocultos de príncipes, apesar dos falsos louvores que se lhes dão durante sua vida, expostos aos olhos de todos os homens, eles têm vergonha da vã alegria que lhes causa a bajulação, e eles compreendem que a verdadeira glória só pode se adquirir com o mérito. (BOSSUET, s.d., p. 1-2).

A *historia magistra vitae* (história mestra da vida), defendida por Cícero⁴, se faz presente nos *Discours* de Bossuet. Em *Da Oratoria*, Cícero dizia que a história seria a *magistra vitae*, no sentido de ser uma professora, um manual que, por meio dos *exempla*, ensinaria as pessoas. Ao tomar conhecimento das ações de inúmeras pessoas do passado, dentre as quais umas obtiveram êxitos e vitórias outras fracassos e derrotas, as pessoas pensariam melhor a respeito de seu presente e, com base no passado, planejariam melhor o seu futuro.

Neste sentido, com essa concepção pedagógica da história, nos *Discours* Bossuet busca nos acontecimentos e ações dos grandes homens do passado os exemplos que o presumido futuro rei francês deve seguir ou repudiar.

Bossuet adverte ao Delfim que é vergonhoso para o homem ignorar o gênero humano, bem como as mudanças memoráveis do mundo no passado:

Além disso, seria vergonhoso, eu não digo a um príncipe, mas em geral a todos os homens honestos, de ignorar o gênero humano e as mudanças memoráveis que a seqüência dos tempos tem feito no mundo. Se não se aprende da história a distinguir os tempos se apresentará os homens sob a lei da natureza, ou sob a lei escrita, tais como são sob a lei evangélica; se falará dos persas vencidos sob Alexandre, como se fala dos persas vitoriosos sob

Ciro; se fará a Grécia tão livre do tempo de Filipe como do tempo de Temístode ou de Mitiade! O povo romano tão orgulhoso sob seus imperadores como sob os cônsules; a Igreja tão tranqüila sob Diocreciano como sob Constantino; e a França, agitada de guerras civis do tempo de Carlos IX e de Henrique III, tão poderosa como do tempo de Luís XIV, onde, reunida sob um tão grande rei, somente ela triunfa de toda a Europa. (BOSSUET, s. d., p. 2).

Afirma Bossuet que, independente das histórias particulares dos hebreus, dos gregos, dos romanos e da França, é imprescindível, para não confundir essas histórias, e discernir as relações, apresentar toda a continuação dos séculos em resumo:

É, *Monseigneur*, para evitar esses inconvenientes, que vós tendes lido tantas histórias antigas e modernas. Foi preciso, antes de todas as coisas, vos fazer ler na Escritura a história do povo de Deus, que fez o fundamento da religião. Se não vos tem deixado ignorar a história grega nem a romana, e, o que vos era mais importante, se vos mostrei com zelo a história desse grande reino, que vós sois obrigado a tornar feliz. Mas, de medo que esta história e aquelas que vós tendes ainda a aprender não se confundam em nosso espírito, não há nada de mais necessário que de vos representar distintamente, mas em resumo, toda a seqüência de séculos. (BOSSUET, s. d., p. 2-3).

A continuação é a ideia essencial dos *Discours*. Aliás, esta ideia não está presente apenas nos *Discours*, mas é constante em Bossuet, a lei que impera em seu espírito. Ideia esta que está relacionada à ordem, à unidade, à providência divina, que é o oposto do acaso. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 122).

Primeiramente, Bossuet compara a utilidade dessa história universal, que ele apresenta, à utilidade de um mapa geral, um mapa mundo:

Esta maneira de história universal é, a respeito das histórias de cada país e de cada povo, o que é um mapa geral a respeito de mapas particulares. Nos mapas particulares, vos vedes todos os detalhes de um reino ou de uma província nela mesma; nos mapas universais, vós aprendeis a situar essas partes do mundo no todo; vós vedes o que Paris ou a Ilê de France é no reino, o que o reino é na Europa, e o que a Europa é no universo. Assim, as histórias particulares representam a seqüência das coisas que são advindas a um povo em todo seu detalhe; mas, a fim de tudo entender, é preciso saber a relação que cada história pode ter com as outras, o que se faz por um resumo, onde se vê, como de uma olhadela, toda a ordem do tempo. (BOSSUET, s. d., p. 3).

Todo o universo antigo, conhecido no século XVII e conforme a ciência dessa época, é abraçado por Bossuet nos *Discours*. Nesta obra, Bossuet trata de dois assuntos: ele busca apresentar e fixar nas memórias a continuação da religião e a dos impérios:

Um tal resumo, *Monseigneur*, vos propõe um grande espetáculo. Vós vereis todos os séculos precedentes se desdobrar, por assim dizer, em poucas horas diante de vós; vós vereis como os Impérios se sucedem uns aos outros, e como a religião em seus diversos estados também tem apoiado desde o início do mundo nosso tempo. Este é um resultado dessas duas coisas, quero dizer da religião e dos impérios, você deve imprimir em sua memória, e como a religião e a política do governo são dois pontos ao longo do qual os assuntos humanos, você que olha para estas coisas contidas em um resumo, e assim descobrir qualquer ordem e qualquer resultado, é entender em sua mente tudo o que é grande entre os homens, por assim dizer, e seguro sobre todos os assuntos do universo. Desde então, considerando um cartão universal, você sai do país onde você nasceu, e as horas que contém você navega por toda a terra habitável, você abraça em pensamento com todos os seus mares e todos os países, e considerando o tempo abstrato, você sai dos limites estreitos da sua idade, e você se encontra em todas as idades. (BOSSUET, s. d., p. 3-4).

Nesta alta pretensão de fazer um resumo da história universal e apresentá-la ao Delfim, Bossuet precisava de um método capaz de marcar o tempo por épocas. Como observa Sainte-Beuve, “Jamais pretensão mais alta foi mais magnificamente e mais simplesmente expressa: é aquela, nem mais nem menos, de um vigário de Deus na história. Como se é homem, portanto, se tem necessidade de meios artificiais e de método”. (Sainte-Beuve, 1928, p. 123). Em um resumo universal, a fim de ajudar a memória é preciso ter os tempos marcados por épocas ou momentos de pausa, de momentos elevados que servem de pontos de marcos. Conforme a crítica incompleta do século XVII admitia, tais épocas seriam ao número de doze para a história antiga: Adão, Noé, Abraão, Moisés, a Tomada de Troia, Salomão, Rômulo, Ciro, Cipião, Jesus Cristo, Constantino e Carlos Magno. Bossuet se detém no futuro advento de Carlos Magno por considerar aí um ponto alto na história do mundo, que delimita o fim do antigo Império Romano e “o estabelecimento de um novo Império”. (BOSSUET, s. d., p. 4-5).

Na primeira parte dos *Discours*, Bossuet se propõe a percorrer as diversas épocas indicadas, e a oferecer a série de fatos em cada época, em seu conjunto, em seu sincronismo. Na segunda parte, a proposta de Bossuet é retomar e interpretar os fatos que levam ao entendimento da duração eterna da religião; a continuação do povo de Deus. Esta segunda parte é a mais importante da obra. A terceira parte será essencialmente política. Nela, Bossuet retoma a maioria dos grandes fatos da humanidade:

Depois de ter explicado em geral, o propósito deste livro, tenho três coisas a fazer para obter toda a utilidade que eu esperava. Devemos em primeiro lugar, como que levá-lo através dos tempos que eu proponho, e você destacar brevemente os principais eventos que devem ser unidos a cada um deles, eu

acostumei vosso espírito a situar esses eventos em seus lugares, sem neles olhar outra coisa que a ordem dos tempos. Mas, como minha intenção principal é de vos fazer observar, nessa seqüência dos tempos, a da religião e a dos grandes impérios: após ter feito ir junto, segundo os cursos dos anos, os fatos que concernem essas duas coisas, eu retomarei, em particular, com as reflexões necessárias, primeiramente que nos fazem entender a duração perpétua da religião, e enfim aqueles que nos decorrem as causas das grandes mudanças advindas nos Impérios. Após isso, qualquer parte da história antiga que vós ledes tudo vos tornará a proveito. Não passará nenhum fato do qual vós não apercebereis as conseqüências dos conselhos de Deus nos assuntos da religião: vós vereis também o encadeamento dos assuntos humanos, e por aí vos conhecereis com quanto de reflexão e de previdência elas devem ser governadas. (BOSSUET, s. d., p. 5-6).

Nos *Discours*, Bossuet tem uma interpretação puramente religiosa da história. Após ter anunciado esta divisão, ele constrói a sua primeira parte, na qual traz a seqüência e o desenrolar dos fatos desde a criação do mundo.

Na primeira parte dos *Discours*, vemos somente a sucessão dos tempos e a concordância de fatos. Bossuet dedica-se a demonstrar os principais fatos da história antiga fortemente unidos, aproximados, sem nenhuma reflexão. A este respeito, segundo Sainte-Beuve, esta primeira parte “é ainda, árida, seca, austera e nua, (...). É somente (...) uma concatenação e uma justa posição de fatos. (...) nenhuma reflexão”. (SAINTE-BEUVE, 1928, p. 124). Bossuet deixa para expressar o seu pensamento nas duas outras partes da obra. Nesta primeira parte dos *Discours*, Bossuet evita os desenvolvimentos que se oferecem. Ele é extremamente seco ao tratar de Cícero e de César. Nenhum retrato é traçado desses dois homens. (Cf. Bossuet, s. d., p. 71). O fato é que o objetivo de Bossuet nesta primeira parte é diferente do das outras duas. Todos os grandes nomes e grandes acontecimentos do mundo oriental antigo e do mundo romano em uma época de crise são, no entendimento de Bossuet, somente uma preparação de um aspecto augusto que resulta no nascimento de Jesus Cristo. Bossuet enumera as grandes vitórias e conquistas de Augusto que terminam com a vinda de Jesus Cristo ao mundo. (BOSSUET, s. d., p. 72-73).

Nesta primeira parte, Bossuet se mantém reservado, ele espera para se revelar por inteiro na segunda parte. Esta primeira parte dos *Discours*, extremamente árida, é somente o preâmbulo, o pedestal do monumento. A principal parte, que se constitui no corpo da obra, é a segunda. As verdadeiras e grandes belezas dos *Discours* são oferecidas na segunda parte juntamente com a terceira.

Recordemos que o objetivo da primeira parte dos *Discours* são as épocas ou continuação dos tempos, o da segunda é a continuação da religião, enquanto o da terceira é a continuação dos impérios.

Na primeira parte dos *Discours*, Bossuet apresenta os grandes eventos da história antiga divididos de forma cronológica e por épocas. Esta é só uma preparação para chegar naquilo que é o principal e verdadeiro objetivo de sua obra: as considerações sobre “a continuação do povo de Deus e a dos grandes impérios”. Nos próprios termos de Bossuet, dirigindo-se ao Delfim,

O verdadeiro objetivo desta obra não é de vos explicar a ordem dos tempos, ainda que seja absolutamente necessária para ligar todas as histórias, e em mostrar a relação. Eu vos tinha dito, *Monseigneur*, que meu principal objetivo é de vos fazer considerar, na ordem dos tempos, a continuação do povo de Deus e a dos grandes impérios. Essas duas coisas rodam juntas no grande movimento dos séculos, onde elas têm, por assim dizer, um mesmo curso. (BOSSUET, s. d., p. 117-118).

Porém, a fim de compreendê-las melhor em suas especificidades, Bossuet separa a parte sagrada da parte política. Segundo ele, “mas é preciso, para bem compreendê-las, separá-las às vezes de uma e de outra, e considerar tudo o que convém a cada uma delas”. (BOSSUET, s. d., p. 118).

Bossuet deixa a parte política para o final. Primeiramente, ele se detém na continuidade do povo de Deus e da religião. O povo judeu torna-se o centro dos *Discours*. Bossuet mostra que o povo judeu foi o povo escolhido e preferido dentre os outros povos; e depois foi o povo rejeitado e reprovado. A vocação divina, desde há muito tempo nele fixada, mais tarde foi estendida e transferida para a multidão de gentis.

Assim como em toda a obra, nesta segunda parte Bossuet tem uma visão essencialmente cristã da história. Aliás, somente por este caminho é que a história tinha sentido para ele. Como observa Sainte-Beuve,

Esta segunda parte vai ser toda uma explicação histórica, teórica, teológica e moral, do cristianismo: é o ponto de vista cristão elevado sobre o qual Bossuet concebia e ordenava a história. Ela tinha todo o seu sentido para ele somente por aquela via. É uma visão perpétua, que ele desenvolve e revela a seu leitor. (SAINTE-BEUVE, 1928, p. 127).

Na língua de Bossuet, “a continuação do povo de Deus” são palavras que têm muita força. Continuação, para ele, significa encadeamento estreito. O judaísmo é o cristianismo anterior e necessário. A religião é mostrada sempre uniforme, igual desde o princípio. Sempre o mesmo Deus. O Deus dos hebreus e dos cristãos não tem nada em comum com as outras ideias imperfeitas, monstruosas. Criador puro, primeiro motor e ordenador do mundo, o Deus dos judeus e dos cristãos é, para Bossuet, infinitamente superior ao Deus dos filósofos. Bossuet retoma a história da criação. Apresenta-nos o grande obreiro em sua obra. Por vezes benigno, generoso, logo terrível e ciumento. A todo instante presente e vigilante. É um Deus que em todo o tempo tem o mundo em suas mãos; que está sempre pronto para recomeçar a criação, a retocá-la, a socorrer o mundo. Bossuet define Deus de uma forma alta, marcante. Mostra que o Deus dos judeus e dos cristãos não é um desses deuses abstratos e frios; desses deuses distantes como os filósofos cartesianos concebiam. Bossuet nos mostra um Deus preciso.

Percebemos aqui a crítica de Bossuet a Spinoza que nega os milagres, submetendo Deus às leis da natureza. Ao parafrasear os *Discours* de Bossuet, observa Hasard,

Spinoza, ao negar o milagre, quer submeter a Deus às leis da natureza. Ah, que o espírito humano não se deixe seduzir por este Deus-Entidade, por este Deus que não é mais que uma sombra! O Deus de Moisés tem outro poder distinto; ‘pode fazer e desfazer como lhe apraz; dá leis à natureza e as destrói quando quer... Se, para fazer se conhecer na época em que a maioria dos homens tinha duvidado, tem feito milagres assombrosos e obrigado a natureza de sair de suas leis mais constantes, tem continuado mostrando com isso que era seu único dono absoluto e que sua vontade é o único bem que conserva a ordem do mundo....’ (HASARD, 1988, p. 178-179).

Bossuet se detém em Abraão e na aliança mística feita entre ele e Deus; já que Abraão, o patriarca, é o pai e a raiz de todos os crentes. Contudo, é em Moisés e na lei escrita que Bossuet se detém com maior profundidade. Nunca ninguém concebeu e mostrou Moisés melhor do que ele. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 129). De acordo com Bossuet, a tradição oral tornara-se insuficiente; por toda parte em Israel reinava a desordem. Ele recorda que “Tudo era Deus, exceto Deus mesmo”. (BOSSUET, s. d., p. 147). Moisés lhe dá a lei escrita, a qual antes de Jesus Cristo era a perfeição. Israel havia perdido quase todos os seus títulos; Moisés os restituiu. Olhado na perspectiva em que Bossuet concentra a história, Moisés foi o maior dos homens antes da vinda de Jesus Cristo ao mundo. Moisés é admirado por Bossuet. Ele o celebra por meio da pena e da

palavra como nenhum outro o fez antes dele. Na visão de Bossuet, Moisés não é somente um homem comum, é uma representação de Jesus Cristo. Moisés prediz Jesus Cristo e ao mesmo tempo o reproduz antecipadamente por meio de alguns sofrimentos, agonias e aflições: assim como Jesus Cristo, Moisés prova os opróbrios em sua fuga do Egito e em seu exílio de quarenta anos no deserto; a seu modo, ele bebe o cálice durante as revoltas de seu povo. Nesta construção dos *Discours* há dois pontos culminantes: o primeiro é Moisés, o segundo, ainda mais elevado, é Jesus Cristo.

Na continuação do povo judeu, por toda a parte Bossuet vê Jesus Cristo predito, anunciado. Jesus é Davi e depois é o seu filho Salomão. Este é o rei mais acomodado, o pacífico que edificou o templo de Jesus Cristo. Davi, pelo contrário, foi o guerreiro e combatente. Davi não predisse o Messias somente em sua forma grandiosa, mas também em suas humilhações. Na seqüência de Davi, todos os profetas predisseram por antecipação o mistério do Messias. Eles não eram somente os profetas de Jesus Cristo; por diversas circunstâncias eles eram as representações de sua própria vida. Enfim, a história de Jesus Cristo era escrita antes que ele viesse ao mundo em pessoa. Bossuet fala das ameaças que sofriam a pureza da fé das tribos fieis. Entretanto, no exterior sobrevivem os conquistadores, a maioria deles instrumentos da vingança divina. Com Nabucodonosor Jerusalém é destruída, devido ao pecado de seu povo que se tornara infiel, e o povo tornado cativo é levado à Babilônia. Ciro aparece e castiga a Babilônia. Em seguida, Jerusalém é reconstruída, tem-se o segundo templo. É um período de fecunda restauração.

Chegando aqui há um interregno de profetas no povo judeu. Malaquias aparece como o último profeta do povo antigo. De Malaquias a Jesus Cristo há um silêncio de aproximadamente quinhentos anos. Bossuet concebe esse silêncio como sendo necessário. Segundo ele, “Deus dá à majestade de seu filho de fazer calar os profetas durante todo esse tempo para ter seu povo à espera d’Aquele que devia ser o cumprimento de todos seus oráculos”. (BOSSUET, s. d., p. 180). Na concepção de Bossuet, neste tempo de silêncio, os judeus vivem sob esta fé, esperam o cumprimento dos últimos oráculos que o Espírito Santo havia deixado por meio dos últimos profetas: a vinda do messias. Segundo Bossuet, mesmo na falta de profetas, “todo estado da nação é profética”. (BOSSUET, s. d., p. 197).

Bossuet mostra o estado em que o mundo se encontrava antes da vinda do Messias. A filosofia dos gregos que buscava o conhecimento da verdade era

insuficiente. Não estava reservada a ela a honra de converter os povos. No que se refere aos deuses, por toda a parte prevalecia o erro. Nos diversos cultos, os horrores da infâmia e impurezas se juntavam aos crimes. Em religião, os romanos não eram melhores que os gregos. Suas religiões estavam repletas de crueldades, loucuras e extravagâncias. De uma forma geral, o verdadeiro Deus era ignorado.

Então, Bossuet apresenta Jesus Cristo pregando seu Evangelho. Enfim, um novo modelo de perfeição é oferecido e revelado ao mundo. Bossuet se detém para contemplar o Salvador: sua vida, sua doutrina e seus milagres. Ele inicia pelos milagres. Apesar de estes estarem ligados ao sobrenatural, ao divino, Bossuet busca reforçar a sua característica humana: “Esses não são pontos, *sinais no céu*, tais como os judeus os solicitavam: ele os faz quase todos sobre os homens mesmo e para curar suas enfermidades. Todos esses milagres têm mais da bondade que do poder”. (BOSSUET, s. d., p. 206). Lembremos que Spinoza negava os milagres!

Neste momento, estamos no coração e no ápice dos *Discours*. Toda a vida de Jesus, o escândalo causado por ele por sua virtude, o atentado que a Sinagoga cometeu em sua pessoa, a sua condenação e seu suplício são resumidos por Bossuet. Ele conclui: “O justo é condenado à morte: o maior de todos os crimes dá lugar à mais perfeita obediência que jamais existiu”. (BOSSUET, s. d., p. 208). No entendimento de Bossuet, todas essas virtudes, sacrifícios e crenças eram necessárias para que os pobres e sofredores encontrassem neles a força para empreender uma grandiosa obra, que é a de salvar, acabar com as crueldades, libertar da escravidão, enfim, regenerar o mundo, e para elevar a massa da humanidade da moral pagã à moral cristã. Bossuet mostrou a dificuldade que existia no universo pagão para sair, não alguns indivíduos isolados, mas a grande massa, camadas sociais e nações inteiras, da coisa confusa que era a idolatria.

Por fim, em uma crítica a Richard Simon, Bossuet lembra que, “quatro ou cinco fatos autênticos, e mais claros que a luz do sol, fazem ver nossa religião tão antiga quanto o mundo” (Bossuet, s. d., p. 330), os quais bastam para garantir toda a tradição. Se não se vê que “todos os tempos estão unidos juntos”, que “a tradição do povo judeu e a do povo cristão só fazem uma só e mesma sequência de religião”, que “as Escrituras dos dois Testamentos só fazem um mesmo corpo e um mesmo livro”; se não se descobre aí “um desejo eterno sempre sustentado e sempre seguido” (BOSSUET, s. d., p. 316); se não se via aí “uma mesma ordem de conselhos de Deus, que prepara desde a origem do mundo o que ele acaba ao fim dos tempos”. (BOSSUET, s. d., p. 327). O

predicador impaciente se exalta: “Que esperamos nós então para nos submeter?” (BOSSUET, s. d., p. 331).

Bossuet era extremamente conservador. Sempre defendeu a tradição e criticou a mudança. Para ele, a continuidade era sinônimo de verdade enquanto a mudança significava o erro a ser combatido. Neste sentido, em vários textos escritos durante a sua vida, dentre eles a *Oraison funèbre de Henriette-Marie, Reine de la grande-Bretagne* (1669), defendeu a religião católica e combateu o protestantismo, sinônimo de variação. (Cf. OLIVEIRA, 2015). Lembremos que, para Santo Agostinho, de quem Bossuet aceitava todas as ideias como verdade inquestionável, a mudança era sinônimo de pecado e morte. Enquanto historiador a posição de Bossuet não foi diferente: ele condenava qualquer transformação da ordem estabelecida; concebia a história como inerte, inviolável. A este respeito, conforme Marcos Lopes,

Bosuet foi o agente por excelência do conservadorismo católico. Como historiador, ele abominava quaisquer aspectos que pudessem demonstrar que a história se constituía numa dinâmica das sociedades políticas, que poderia, inclusive, resultar em transformações de uma ordem já consolidada. A sua filosofia da história é uma filosofia da inércia, no sentido de que tudo o que está em repouso deve permanecer na forma como se encontra. É a lei da inviolabilidade da história. (LOPES, 2007, p. 96).

Com uma alocução essencialmente política, Bossuet conclui esta segunda parte dos *Discours*. Dirigindo-se ao provável futuro soberano da França, ele aconselha:

Estude então, *Monseigneur*, com uma atenção particular esta continuação da Igreja, que vos assegura tão claramente todas as promessas de Deus. Tudo o que rompe esta continuação, tudo o que sai dessa continuação, tudo o que se eleva de si mesma e não vem em virtude de promessas feitas à Igreja desde a origem do mundo, vos deve fazer horror. Empregue todas as vossas forças a retornar nesta unidade. (BOSSUET, s. d., p. 332).

Finalmente, Bossuet tece magníficos elogios a Luís XIV por sua proteção à Igreja católica, mostrando o quanto isto está ligado ao fortalecimento de sua autoridade. Dirigindo-se ao Delfim, ele diz:

A glória de vossos ancestrais é não somente de não tê-la jamais abandonado, mas de tê-la sempre conservado, e de ter merecido por aí de serem chamados seus filhos primogênitos, que é sem dúvida o mais glorioso de todos os títulos. Eu não tinha necessidade de vos falar de Clóvis, de Carlos Magno, nem de São Luís. Considereis somente o tempo em que vós viveis e qual pai Deus vos tem feito nascer. Um rei tão grande em tudo se distingue mais por

sua fé que por suas outras admiráveis qualidades. Ele protege a religião no interior e no exterior do reino até as extremidades do mundo. Suas leis são uma das mais firmes proteções da Igreja. Sua autoridade, venerada tanto pelo mérito de sua pessoa que pela majestade de seu cetro, jamais se sustenta melhor que quando ele defende a causa de Deus. Não se escuta mais blasfêmias; a impiedade tomba diante dele. É o rei marcado por Salomão que dissipa todo o mal por seus olhares. Se ele ataca a heresia por tantos meios e mais ainda que não se tem jamais feito seus predecessores, não é que ele teme por seu trono: tudo está tranqüilo a seus pés, e suas armas são temidas por toda a terra; mas é que ele ama seus povos, e que, se vendo elevado pela mão de Deus a um poder que nada pode igualar no universo, ele não conhece mais belo uso que de fazê-la servir a curar a úlcera da Igreja. Imiteis, *Monseigneur*, um tão belo exemplo, e deixai-o a vossos descendentes. Recomendai-lhes a Igreja mais ainda que esse grande império que vossos ancestrais governam desde tantos séculos. Que vossa augusta casa, a primeira em dignidade que seja ao mundo, seja a primeira a defender os direitos de Deus, e a espalhar por todo o universo o reino de Jesus Cristo que a faz reinar com tanta glória. (BOSSUET, s. d., p. 333).

Essa exaltação de Bossuet aos reis franceses como defensores da religião católica pertence ao universo simbólico em que estava inserido. Desde meados do século XIII, os reis franceses passaram a pronunciar quatro juramentos no momento de sua sagração. Neles estão contidos a defesa da fé, da Igreja e o combate à heresia. (Cf. LE GOFF in BOUREAU, 1992, p. 21).

Na concepção de Bossuet, a unidade política estava tão estreitamente ligada à unidade religiosa que o fim desta acarretaria o fim daquela. Afinal, foi esta a ideia defendida por ele na sua *Oraison funèbre de Henriette-Marie, Reine de la grande-Bretagne*, de 1669. (Cf. OLIVEIRA, 2015). Recordemos que, ao ouvir esta oração fúnebre dedicada à sua tia avó, Luís XIV ficou tão impressionado que convidou Bossuet para ser o preceptor do Delfim.

Bossuet chama a tenção para a importância da unidade: tudo vem dela e se reporta a ela. Todo o universo é ligado pela unidade. Conforme Le Brun, “este tema da unidade (...) tem bases filosóficas e teológicas: antes toda uma meditação sobre a unidade e a transcendência de Deus, mas também influências, reconhecidas ou não, de Platão e do neo-platonismo”. (LE BRUN in BOSSUET, 1967, nota de rodapé, p.7). O neoplatonismo em Bossuet é a forte influência de Santo Agostinho sobre ele.

Na terceira parte dos *Discours*, Bossuet entra nas vias humanas e nas explicações pelas causas particulares e secundárias. Bossuet demonstra que as coisas se passam na história como se aí só houvesse causas naturais e conseqüências necessárias. Nesta parte Bossuet mostra-se humano, faz apelo somente ao bom senso. O que ele tinha imposto e

comandado na parte anterior como profeta, agora vai explicar como observador político. Esta parte é a contrapartida da anterior. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 144).

Bossuet inicia a terceira parte dos *Discours* falando muito bem dos egípcios. Ele reconhece a importância do Egito como o primeiro grande império civilizado. A habilidade e a grandeza do povo egípcio apoderaram-se dele. Como que pressentindo as realizações do século seguinte sobre o Antigo Egito, Bossuet aconselha Luís XIV para que faça escavar e pesquisar o Trébaîde; muito bem antenado com os acontecimentos de seu tempo, cita as viagens publicadas por M. Trévenot, prediz maravilhas das descobertas e realizações de salas subterrâneas como também de sepulcros. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 145).

Em seguida, Bossuet fala de dois impérios da Assíria. Porém, tudo isso é ainda muito conjectural. A história propriamente dita só começa com a Grécia. Ele demonstra um forte apreço a tudo o que tornava a Grécia feliz. Louva o amor da liberdade e da pátria existente na Grécia. Louva o gênio social e civilizador dos gregos. (BOSSUET, s. d., p. 372). Bossuet compreende pelo termo civilidade tudo aquilo que ele pode conter de melhor e de mais abrangente. A respeito do ideal de liberdade presente nos gregos, sua filosofia e sobre Homero, cuja mitologia é interpretada por Bossuet pela via sobretudo moral, existem páginas que Bossuet jamais teria concebido anteriormente a década de 1670, período do preceptorado do Delfim, em que se debruçou sobre as fontes da literatura profana. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 145-146).

Bossuet falou da Grécia com sentimento de admiração pelas instituições e pelo gênio social dos gregos. Mas o triunfo histórico de Bossuet são os romanos. (Cf. Bossuet, s. d.). Ele mostra o povo romano como uma continuidade do povo hebreu. Em relação à milícia e à política romana, ele mostra os romanos ligados aos hebreus. Bossuet dedica-se ao espírito das instituições romanas. A liberdade severa e pobre dos romanos, diferente da liberdade brilhante e polida dos gregos, é muito bem definida por Bossuet. Ele chama a atenção ao fato de que, no bom tempo, toda a magnificência dos romanos era pública. Mostra-nos os segredos do povo romano em sua disciplina, ordem, tática, e coragem isenta de hipocrisia; compara a falange macedoniana à legião romana; adentra nos conselhos do Senado romano, em sua conduta forte e firme tanto no interior como no exterior. Enquanto que no capítulo anterior Bossuet mostrou-se um historiador profeta, neste ele mostra-se um historiador filósofo. Nesta terceira parte, ele está com Políbio como estivera com Moisés no precedente capítulo. Aliás, ele toma emprestado

largamente de Políbio sem nenhum comedimento. Essa visão de conjunto apresentada por Bossuet é o resultado de um estudo preciso, em que reuniu e comparou uma grande quantidade de fatos. Assim, ele vê do alto. As conclusões de Bossuet têm mais características morais que políticas. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 146-147). Nesta passagem, Bossuet dá uma bela definição do que chama espírito público dos romanos:

Quem pode pôr no espírito dos povos a glória, a paciência nos trabalhos, a grandeza da nação e o amor da pátria, pode se gabar de ter encontrado a constituição do Estado a mais própria a produzir grandes homens. São sem dúvida os grandes homens que fazem a força de um Império. A natureza não deixa de fazer nascer em todos os países espíritos e coragens elevadas, mas é preciso lhe ajudar a formá-los. O que os forma, o que os acaba, são sentimentos fortes e nobres impressões que se dissemina em todos os espíritos e passam insensivelmente de um a outro... Durante os bons tempos de Roma, a infância mesma era exercida pelos trabalhos; não se ouvia aí falar de outra coisa que da grandeza do povo romano... Quando se tem começado a tomar esse passo, os grandes homens se fazem um e outro; e se Roma trouxe mais que nenhuma outra cidade quem foi antes dela, isso não foi por acaso; mas é que o Estado romano constituído da maneira que nós temos visto era, por assim dizer, do temperamento que devia ser o mais fecundo em heróis. (BOSSUET, s. d., p. 395-396).

No final desta terceira parte dos *Discours*, depois de ter exposto muito bem sobre a constituição e o gênio do povo romano, Bossuet enumera uma sequência dos principais fatos desde Rômulo. Esse final é extremamente curto. Bossuet conclui voltando ao seu principal objetivo. Une esta terceira parte à anterior mediante uma convocação de conselhos divinos e de ordens secretas da Providência divina. Aqui, cessa o seu papel de historiador e observador político e reaparece o bispo. Uma vaga palavra de elogio sobre Carlos Magno demonstra que Bossuet havia estudado muito pouco este último dos grandes conquistadores, de quem fala como se fosse um São Luís. Bossuet encontrou muita dificuldade em prosseguir a sua empreitada para as épocas seguintes. É que a crítica e a erudição histórica não tinham lhe tomado o espírito. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1928, p. 148-149).

Bossuet chama a atenção do Delfim para a importância da Providência Divina. Deus governa o mundo que criou. Ele intervém a todo momento na história dos homens, dos reinos:

Lembrai-vos, Monseigneur, que esse longo encadeamento de causas particulares, que fazem e desfazem os impérios, depende de ordens secretas da divina Providência. Deus tem do mais alto dos céus as rédeas de todos os

reinos; Ele tem em suas mãos todos os corações: ora Ele reprime-lhes as paixões, ora afrouxa-lhes o freio, e por isso ele agita todo o gênero humano. (...) Ele prepara os efeitos nas causas mais remotas e fulmina estes grandes golpes, cujo contragolpe estende-se longe. (...) É dessa forma que Deus reina sobre todos os povos. Não falemos mais de azar, nem de fortuna; ou falaremos tão somente de um nome com o qual cobrimos nossa ignorância”. (BOSSUET, s. d., p. 421-422.)

A concepção agostiniana da história tem forte influência no século XVII. Em Bossuet encontramos uma teologia da história nos moldes agostiniano. Conforme Edmilson Menezes, Bossuet e outros pensadores do século XVII, como o cardeal de Bérulle, por exemplo, “singularizam a teologia da história por uma redução incondicional do homem aos desígnios invisíveis de uma providência diretora e presente. Deus trabalha no coração do mundo e da história dos homens; e o centro dessa história é o seu Filho Unigênito”. (MENEZES, 2015. p. 232).

De acordo com Jorge Grespan, Bossuet é “considerado um dos grandes historiadores do século XVII até mesmo pelos futuros críticos iluministas”. (GRESPLAN, in MENEZES, 2006, p. 9). A respeito da ideia moderna de Providência na história, em toda a obra de Bossuet, constituída por sermões, orações fúnebres, a *Politique* e os *Discours*:

(...) a soberania da Providência divina na condução dos acontecimentos históricos aparece afirmada com máxima clareza. Tendo exercido funções religiosas importantes na corte de Luís XIV, inclusive a de preceptor do Delfim, Bossuet reinterpreta a história da humanidade com expressas intenções políticas, tornando evidente o ‘governo divino’, mesmo nos menores assuntos”. (GRESPLAN in MENEZES, 2006, p. 9-10).

Em todos os textos de Bossuet, dentre eles os *Discours*, a Providência Divina atua de forma soberana, deixando “pouco espaço para a liberdade individual. Deus é o verdadeiro agente histórico, sendo os homens geralmente simples instrumentos para a realização de seus desígnios”. (GRESPLAN in MENEZES, 2006, p. 10).

No final da última página dos *Discours*, dirigindo-se ao Delfim, Bossuet conclui:

Assim, não tenho nada mais a vos dizer sobre a primeira parte da história universal. Nela descobrireis todos os segredos (...) toda a sequência da religião e dos grandes impérios até Carlos Magno. (...) Enquanto que vós os vereis cair quase todos por si mesmos, e que vós vereis a religião se sustentar por sua própria força, vós conhecereis também qual é a sólida grandeza, e onde um homem sensato deve pôr sua esperança. (BOSSUET, s. d., p. 423).

Como observa Hasard, Bossuet foi o “representante de uma tradição atacada por todas as partes”. (HASARD, 1988, p. 171). Como um crente em Deus, na Bíblia e na religião católica, Bossuet tomou para si a tarefa de defendê-los sempre que estes fossem ameaçados. Em um momento em que a tradição estava sendo atacada por Spinoza e Richard Simon, notadamente no que diz respeito à veracidade da Sagrada Escritura e na interpretação desta pelos Padres da Igreja, Bossuet enfrentou o debate com todas as armas que possuía. Lembremos que em seu *Tractatus theologico-politicus* Spinoza também criticava o absolutismo em sua vertente descendente do poder, a ideia de que o poder dos reis era dado diretamente por Deus, de modo que os súditos não pudessem contestá-los, sob pena de castigo. Bossuet acreditava piamente que o poder dos reis vinha de Deus. Por isso, foi o maior defensor da realeza sagrada na França do Rei Sol.

Por meio dos *Discours*, que está entre as duas principais obras de sua vida, Bossuet mostrou-se um grande defensor da tradição e da ortodoxia. Podemos afirmar que, no século XVII francês, a religião católica e a monarquia absolutista encontraram em Bossuet o seu mais atento e fiel escudeiro. Afinal, a volta da unidade no cristianismo, mediante a volta dos protestantes ao seio da religião católica, representava para ele o fortalecimento do poder dos monarcas e a continuidade dessa forma de governo que estava sendo ameaçada com as críticas de Spinoza. Por isso, na concepção de Bossuet, a defesa da religião católica e da monarquia caminhavam juntas.

Referências

Fonte

BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Discours sur l’Histoire Universelle*. A Monseigneur le Dauphin. Paris: Flammarion, s.d..

Bibliografia

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVET, Jean. Le XVII siècle. La littérature classique. In: *Manuel illustré d’histoire de la littérature française*. Vingtième édition. Paris: J. de Gigord Éditeur, 1952.

CHAUNU, Pierre. Uma história doutrinária. In: *A história como ciência social: a duração, o espaço e o homem na Época Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

- DUSSAULT, M. Notice sur Bossuet. In: Bossuet, Jacques-Bénigne. *Oraisons funèbres de Bossuet*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frère, 1874.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. *Jacques Bénigne Bossuet*, p. 1495.
- GRESPAN, Jorge. Prefácio. In: MENEZES, Edmilson. *História e Providência: Bossuet, Vico e Rousseau*. Ilhéus, Bahia: Editora da UESC, 2006.
- HASARD, Paul. *La crisis de la conciencia europea (1680-1715)*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- LA BROISE, René de. *Bossuet et la Bible*. Genève: Slatkine Reprints, 1971.
- LAVISSE, Ernest. *Histoire de France Illustrée. Depuis les origines jusqu'à la Révolution*. 3ª edição. Paris: Librairie Hachette, s. d.
- LE BRUN, Jacques. Introduction. In: BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Genève: Librairie Droz, 1967.
- LE GOFF, Jacques. Aspects religieux et sacrés de la monarchie française du X au XIII siècle. In: Boureau, A.; Ingerflom, C-S. *La royauté sacrée dans le monde chrétien*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992.
- LOPES, Marcos. Bossuet. In: ____ (org.). *Ideias de história: Tradição e Inovação de Maquiavel a Herder*. Londrina: EDUEL, 2007.
- MENEZES, Edmilson. Agostinho e a representação da história no século XVII: notas acerca do pensamento de Pierre de Bérulle e de Jacques-Bénigne Bossuet. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*, III (1-2), 2015, p. 231-244.
- OLIVEIRA, Maria Izabel Barboza de Moraes *A imagem do príncipe nas Orações Fúnebres de Bossuet*. São Luís: EDUFMA/Café & Lápis, 2015.
- ROCHA, André Menezes. Espinosa e a crítica das monarquias absolutistas. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, 2 (3), 2008, p. 14-20.
- SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin (org.). *Les grands écrivains français*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1928.
- SKINNER, Quentin. Prefácio. In: _____. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹ Professora nível Adjunto IV do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA.

² Na França, desde o século XIV, os herdeiros, prováveis sucessores dos reis das dinastias Valois e Bourbon eram chamados de Dauphin (Delfim).

³ Recordemos que Luís XIV morreu em 1715, quatro anos após o filho.

⁴ Marco Túlio Cícero foi um filósofo romano que viveu no século I a.C.